



Eixo Temático 2 - Territórios em Disputa

**AS R-EXISTÊNCIAS E A (RE)HABITAÇÕES DOS GERAIZEIROS BAIANOS
DIANTE DO *FRONT* AGRÍCOLA NA MESORREGIÃO DO EXTREMO
OESTE DA BAHIA**

Valney Dias Rigonato. Universidade Federal do Oeste da Bahia. Email:

valney.rigonato@ufob.edu.br

Resumo

A mesorregião do Extremo Oeste Baiano é composta por dois territórios de identidade com múltiplas territorialidades devido à expansão do *front* agrícola nas áreas dos Cerrados baianos. A pesquisa vem sendo desenvolvida no município de São Desidério, especialmente no médio vale do rio Guará. Objetiva-se analisar as r-existências e a (re)habitação dos geraizeiros diante das territorialidades dos grandes empreendimentos agrícolas e da ocupação dos fundos dos vales pelas APP (Áreas de Preservação Permanentes), ocasionando a luta pelas terras “posses”. A metodologia fundamenta-se nos princípios da Geografia Humana e nos procedimentos do DRP (Diagnóstico Rural Participativo) nas comunidades geraizeiras do baixo vale do rio Guará, São Desidério, Bahia. Os resultados apontam que a legislação ambiental vigente motiva de forma indireta a revigoração da grilagem “verde” das terras (posses) dos geraizeiros. A r-existência dos geraizeiros é intimamente interligada com as práticas cotidianas desenvolvidas na lavoura de rego, no extrativismo e no artesanato. Essas são moldadas espacialmente pelas ebulções territoriais as quais impõem e possibilitam o processo de (re)habitação sobre forte pressão dos bens naturais e marginalização ambiental dos Geraizeiros que continuam desenvolvendo o seu modo de vida nas áreas de Preservação Ambiental Permanente.

Palavras chaves: Geraizeiros, r-existência e (re)habitação

INTRODUÇÃO

Este ensaio busca unir observações empíricas e leituras com o propósito de analisar as r-existências e a (re)habitação dos Geraizeiros¹ diante das territorialidades dos grandes empreendimentos agrícolas e da ocupação dos fundos dos vales pelas APP (Áreas de Preservação Permanentes), ocasionando a luta pelas terras “posses” no médio vale do rio Guará, São Desidério.

Uma área pertencente pela regionalização do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística como mesorregião do Extremo Oeste da Bahia, (BRASIL, 2016). Já pela Secretaria de Planejamento do Governo da Bahia (BAHIA, 2016) tal área situa-se no

¹ Populações Geraizeiras: são compostas por sujeitos e grupos socioculturais que seus ascendentes habitam as paisagens dos Cerrados baianos mais de cinco décadas. Geralmente, são famílias que deslocaram das zonas de transição da Caatinga/Cerrado em períodos de intensificação das secas no semiárido, devido conflitos agrários e em busca da exploração da borracha de mangaba. Muitas dessas famílias vieram e desenvolveram agricultura de rego nos brejos das inúmeras veredas, extrativismo e pecuária tradicional a solta nos Gerais. Eles possuem ainda saberes ambientais que lhes permitem conviver em maior harmonia com as paisagens dos Cerrados diante das territorialidades do agronegócio.

território de identidade do rio Grande. Mas, no plano da composição das bacias hidrográficas pertence à bacia hidrográfica do rio Corrente. Esta área fica situada no lado do município de São Desidério o qual possui uma população de 27 659, sendo dessa, 19 026 moradores da zona rural e 8 633 residentes na zona urbana (BRASIL, 2016). Cabe ressaltar que essa expressiva população rural encontra-se residente em aglomerados, povoados e vilas rurais. Outro aspecto de destaque em São Desidério é o baixo IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal). Tal fato revela a manutenção das desigualdades sociais marcadas pela concentração de renda devido à modernização da agricultura.

Segundo os dados (DATASUS, 2015²) a área pesquisada possui uma população de aproximadamente 1.079 habitantes, composta por 257 famílias as quais 77 recebem bolsa família. Essas famílias habitam o médio vale do rio Guará. Elas estão mais concentradas nos povoados de Cera, Contagem, Currais, Lagoa dos Buritis, Larga, Pedras, Ponte de Mateus e Vereda Grande³ que desenvolvem lavoura de rego, extrativismo e artesanato nas veredas e vales úmido do referido rio. Uma população que, segundo Théy, Mello, Hato e Girardi, (2009) estão na zona de ocorrência de maiores índices de trabalho em situação análoga ao escravo no território brasileiro.

O rio Guará banha essas comunidades geraizeiras e é um importante limite natural entre o Município de São Desidério e Correntina, Bahia. O mesmo, juntamente com o rio do Meio, das Éguas e o rio Arrojado são os principais afluentes do rio Corrente. Ambos interligados com as características da província hidrogeológica do rio São Francisco, os quais são abastecidos pelo aquífero Urucuia, nas proximidades dos chapadões divisores da Serra Geral de Goiás, segundo (GOMES, 2012). Além disso, tais nascentes estão sob as faixas de maiores índices pluviométricos da mesorregião do Extremo Oeste da Bahia e também das áreas de recarga do referido aquífero. Essas características os colocam na categoria de rios perenes, mas frisa-se que há os vários córregos intermitentes já inexistentes devido ao assoreamento.

O vale do Guará é repleto de veredas intercaladas da fitofisionomia de cerrado típico. A BR 020 passa a montante à bacia hidrográfica do referido rio. Essa porção territorial é uma das áreas com considerável presença de monocultura de soja, algodão e milho, do município de São Desidério. No médio vale, há uma faixa de transição entre monoculturas, áreas de pastagens e glebas de remanescentes de vegetação nativa dos

² Dados fornecidos pela Secretária de Saúde de São Desidério a partir da coleta do DATASUS, 2015.

³ Povoados habitados pelas populações geraizeiras.

Cerrados. Já, no médio vale, há concentração dos Geraizeiros os quais foram se deslocando na medida em que os chapadões “Gerais” foram sendo cercados, ou seja, ocupado pelo agronegócio.

Partindo desses pressupostos, esse ensaio foi dividido em duas seções: na primeira seção a introdução contendo informações da área de pesquisa e dos sujeitos Geraizeiros diante dos conflitos territoriais da mesorregião e do vale do rio Guará. Na segunda-seção, os resultados preliminares que envolvem a discussão e contextualização dos Geraizeiros nos Cerrados baianos diante do front do agronegócio. Além disso, aponta a permanência da lavoura de rego, do extrativismo e do artesanato enquanto elementos de r-existência dos Geraizeiros. E, por último, busca discutir a noção de r-existência e de (re)habitação de forma contextualizada com os Geraizeiros do médio vale do referido rio.

OBJETIVO

Analisar as r-existências e a (re)habitação dos Geraizeiros no médio vale do rio Guará na mesorregião do Extremo Oeste Baiano.

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvido com base nos fundamentos da Geografia humana aliado com pesquisas bibliográficas e técnicas do Diagnóstico Rural Participativo. Além disso, utilizei o trabalho de campo e estágios de vivência.

RESULTADOS PRELIMINARES

Essas comunidades geraizeiras que habitam esses povoados estão vivenciando em toda mesorregião do Extremo Oeste da Bahia a pressão para transformar, os vales úmidos e as veredas onde foram obrigadas a viver após a década de 1970, em reservas legais para as fazendas produtoras de grãos à montante dos vales (toda faixa que limítrofe com a serra Geral). Ou, também pelo desmatamento das partes de maior altitude desses vales para o plantio de eucalipto⁴ nas duas bacias grandes bacias hidrográficas que drenam a mesorregião do Extremo Oeste da Bahia.

⁴ Implantação da termelétrica (UTE) Campo Grande BioEletricidade que demandará já para 2015 de 7.895 hectares e deverá alcançar 35 mil hectares no raio de 50 quilômetros da mesma para o plantio de biomassa que será consumida na termelétrica. Fonte: <http://www.painelflorestal.com.br/noticias/biomassa/plantio-de-eucalipto-sera-usado-em-termeletrica-na-bahia-pela-bolt-energias-criando-a-campo-grande-bioeletricidade> Acesso: 24/01/2016.

A partir desse cenário, é importante ressaltar que oito dos seus municípios obtiveram os maiores índices de desmatamento das áreas de Cerrados nos últimos anos, (BRASIL, 2012)⁵. Com o advento do agronegócio, sem ações efetivas de planejamento e fiscalização estatal, houve a expansão desordenada da monocultura e das cidades de Luiz Eduardo Magalhães, de Barreiras e do distrito de Roda Velha, em São Desidério.

Outra característica marcante dessa mesorregião e, mormente do município de São Desidério e do médio vale do rio Guará é a diversidade de sujeitos e profissões interligadas com o agronegócio: populações geraizeiras, pequenos agricultores, grandes agricultores, empresários agrícolas, aviadores, técnicos, agrônomos e engenheiros cartográficos. Pessoas de profissões e identidades distintas de diversos lugares do país e do mundo: pernambucanos, mineiros, baianos, paulistas, gaúchos, paranaenses, catarinenses, ascendentes de japoneses, de coreanos, de holandeses e de outros. Tais grupos ainda há pessoas que propagam discursos preconceituosos, tais como: “o baiano é preguiçoso”, “isso tudo estava aí e esses baiano, eles não tinham coragem de plantar” e mesmo “essas terras estavam toda aí, mas eles não tiveram coragem de desbravar”, segundo depoimentos em setembro de 2014.

Há contradições e conflitos territoriais. De um lado, há a manipulação delas pelos grandes agricultores em prol do discurso do “progresso ilimitado do agronegócio”. Do outro lado, é possível notar, nas falas dos moradores do médio vale do rio Guará e em seus signos, mensagens tais como: “daqui eu não saio, aqui é o meu lugar. Só saio se acabar com a água”, segundo entrevistas, 09/2015.

Diante de tudo isso, as populações geraizeiras, ao mesmo tempo em que tiveram de mudar alguns elementos dos seus modos de vida, estabeleceram práticas sociais de re-existência, sobretudo, diante das territorialidades dos grandes projetos do agronegócio nesta porção territorial.

Esses aspectos colocam essa porção territorial em situação de *front* agrícola (FREDERICO, 2010) em constantes territorialidades socioeconômicas e socioculturais e, sobretudo, conflitantes. Os conflitos ocorrem no campo e nas cidades relacionados ao uso e a ocupação das terras nas áreas dos cerrados. No campo, há desapropriações de

⁵ Para o Ministério do Meio Ambiente (MMA, 2012) o desmatamento das áreas dos Cerrados brasileiros entre 2002 a 2008, correspondeu uma área de 85.074km². Os vinte municípios que mais desmataram proporcionalmente foram: Formosa do Rio Preto-BA, São Desidério-BA, Correntina-BA, Paranatinga-MT, Barra do Corda-MA, Balsas-MA, Brasnorte-MT, Nova Ubiratã-MT, Jaborandi-BA, Sapezal-MT, Baixa Grande do Rib-PI, Nova Mutum-MT, São José do Rio Claro-MT, Barreiras-BA, Grajaú-MA, Uruçui-PI, Uruçui-PI, Riachão das Neves- BA, Santa Rita do Trivelato-MT, Crixás-GO, João Pinheiro -MG. É importante frisar que esses municípios baianos da mesorregião do Extremo Oeste baiano possuem um percentual de população rural expressivo diante da realidade dos demais municípios da região geoecológica dos Cerrados.

antigos posseiros, sobretudo, no fundo dos vales dos principais mananciais da supracitada mesorregião os quais estão repletos de Geraizeiros. Já, nas cidades nota-se o aumento dos índices de violência: assaltos, roubos, homicídios e outros.

No campo representacional ou discursivo, os Cerrados baianos, em poucas décadas, passaram de terras inóspitas para terras prosperas, sendo denominada uma das fronteiras agrícolas mais dinâmicas do território brasileiro. Sendo, portanto, recentemente incorporada no decreto presidencial (Nº 8.447, de 6 de maio de 2015) da nova região geoeconômica MATOPIBA. Tudo isso, aliado às mudanças ambientais e das leis estaduais e federais (Lei 10 431/2006) que versam sobre as áreas de preservação permanentes, demonstram ampliar os conflitos relacionados à posse das terras⁶ e pessoas, principalmente das populações geraizeiras, ameaçadas no campo pelos grileiros de terras⁷.

Esses últimos buscam desapropriar as populações geraizeiras para repassar, geralmente, para comerciantes de terra locais que vendem essas terras para os empreendedores nacionais e internacionais⁸ do “agro-hidro-negócio”, (MENDONÇA, 2004). Cabe aqui ressaltar que nesta mesorregião essa lógica agregou novas fontes de produção de energia (termoelétricas e energia eólica e solar). O que poderia denominar conforme a realidade da ocupação na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia de agro-energias-negócios.

As pesquisas de Santos Filho (1989), Haesbaert (1995) Alves (2001), Santos (2007), Mazetto Silva, (2009), Cardoso (2012), Sobrinho (2015) entre outros, demonstram que o processo de uso e de ocupação das áreas dos Cerrados baianos provocou desapropriação das terras, urbanização acelerada e uma desarticulação econômica, social e cultural. No entanto, ao contrário do que a maioria desses autores aponta como “desterritorialização”, os estudos que realizei com as técnicas do Diagnostico Rural Participativo- DRP, registram também a r-existência e a (re) habitação das populações geraizeiras dos Cerrados baianos.

Nessa conjuntura, o uso e a ocupação dos Cerrados colocaram as populações geraizeiras em conflitos territoriais na mesorregião do Oeste da Bahia e, por sua vez,

⁶ Tal fato encontra-se registrado no livro “Branco da grilagem das Terras Brasileira” na página 27. Há uma área de 444.306 hectares que engloba terras das fazendas Estrondo e Santa Rita no município de Formosa do Rio Preto e Santa Rita de Cássia na divisa do Estado do Bahia com o Estado do Tocantins e do Piauí. http://www.incra.gov.br/media/servicos/publicacao/livros_revistas_e_cartilhas/Livro%20Branco%20da%20Grilagem%20de%20Terras.pdf Acesso: 12/03/2016

⁷ Grilagem de terras em Ponte de Mateus!!! <http://reporterbrasil.org.br/2010/06/ambientalistas-querem-parque-nacional-para-conter-expansao-da-soja/>. Acesso: 10/02/2016.

⁸ Segundo informações do relatório da ANEEL (Agencia Nacional de Energia Elétrica), há 60 projetos de Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHs) previstas para construção na mesorregião Extremo Oeste da Bahia.

compõem práticas sociais nos lugares vividos pelos Geraizeiros do médio vale do rio Guará as quais r-existem e (re) habitam os Cerrados baianos.

O agro-energias-negócios apresenta-se como uma nova lógica de apropriação das terras dos Cerrados. Mas, internamente traz o “mito da natureza intocada” (DIEGUES, 1996) a qual diminui as possibilidades das comunidades geraizeiras acesso direto às áreas dos cerrados baianos.

Por um lado, promovem a erosão da biodiversidade das áreas de chapadas “gerais” e por outro lado, utilizam da legislação ambiental vigente para converter as áreas úmidas dos vales dos rios e veredas em Reservas Ambientais Permanentes (APPs) dos projetos de produção commodities agrícolas e de produção de energias, chamadas limpas.

Com isso, nota-se empiricamente a revigoração da grilagem das áreas de “Cerrados em pé” e, principalmente, dos vales e veredas úmidas⁹. Essas áreas são desmatadas e transformadas em áreas de pastagem ou destinadas à criação de reservas legais das grandes fazendas exportadoras das commodities agrícolas e das fazendas produtoras de eucalipto para a termoelétrica.

Devido uso e abuso das chapadas “Gerais” muitos proprietários das fazendas não preservaram as suas áreas de proteção permanente. E, com as exigências das leis ambientais e com a construção de infraestrutura de transporte serpenteando o médio vale do rio Guará pela ferrovia (Leste-Oeste) há uma verdadeira corrida de ocupação também dos vales úmidos para transformá-lo em áreas de pastagem ou em reservas permanentes das grandes fazendas produtoras de grãos e eucalipto. Além disso, há especulação de expulsão das comunidades geraizeiras para a construção das PCHs – Pequenas Centrais Hidrelétricas.

A revigoração da grilagem das terras é o maior desafio para a r-existência dos Geraizeiros. Com isso, há o aumento dos conflitos internos das comunidades geraizeiras devido à documentação das terras nos cartórios municipais de Correntina ou São Desidério. Há precarização da titulação das terras devido à falta de documentos, a falta de acessória jurídica (direito agrário) dos Geraizeiros, conforme (SOBRINHO, 2015).

No entanto, ao invés de diminuir o número de habitantes nos povoados (comunidades) no médio vale do rio Guará, há é o acréscimo do número de habitantes e, por sua vez, de moradias. Tais constatações empíricas fortalece a discussão teórica aqui apresentada que os Geraizeiros ao invés de desterritorializarem (HAESBAERT, 1995)

⁹ <http://reporterbrasil.org.br/2010/06/ambientalistas-querem-parque-nacional-para-conter-expansao-da-soja/> Acesso: 11/04/2016.

passaram nas últimas décadas a promoverem a r-existência e a promoverem a (re)habitação nas paisagens dos Cerrados baianos.

Diante das constatações empíricas e das proposições teóricas buscarei aqui adentrar no lugar-mundo vivido pelas famílias geraizeiras para melhor demonstrar as suas principais práticas de r-existência diante das transformações e limitações colocadas pelo front agrícola na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia. Com isso, aponto que há três elementos da cultura geraizeiras que contribuir para a r-existência do seu modo de vida diante do *front* agrícola, tais como:

Roça de Rego ou Roça de Esgoto: Há relatos dos Geraizeiros que essa prática agrícola iniciou no referido médio vale do rio Guará no século XIX com pessoas que migraram da região semiárida devido às sucessivas secas. Mas, suas origens retomam a ocupação indígena como bem apontam Ribeiro (2000) e Barbosa (2008). Tal sistema agrário foi à base da agricultura na mesorregião do Extremo Oeste antes dos anos 1980. Apesar de ser ainda pouco estudada se tornou ilegal pela legislação e regionalmente pressuposto para acusar os Geraizeiros de destruidores da natureza. Entretanto, as evidências em campo no referido vale, demonstram que os impactos são pequenos em relação à agricultura moderna.

Essa prática agrícola dos Geraizeiros é desenvolvida nos brejos na linguagem local. Em áreas de veredas e vales úmidos dos cerrados baianos. Utiliza-se o fogo para o manejo. Geralmente é desenvolvida na passagem da estação chuvosa para a estação seca das áreas dos Cerrados, devido a menor umidade dos solos dessas áreas.

Destaco que essa prática agrícola é desenvolvida nas oito comunidades geraizeiras do médio vale do rio Guará. Porém, quem possui as melhores áreas são as famílias que permaneceram no referido vale. As famílias dos jovens e as famílias de migração de retorno não desenvolvem a agricultura de rego.

Entretanto, as relações de trabalho são de base familiar quais envolvem relações intra e intercomunidades no vale do rio Guará. Os Geraizeiros ainda desenvolvem o mutirão, em períodos de maior intensidade na demanda de trabalho, tais como: na capina, no plantio e na colheita. Porém, há relatos dos Geraizeiros que essa prática do mutirão diminui nos últimos anos com a intensificação da oferta de trabalho assalariado nas lavouras de eucalipto.

O Extrativismo: é utilizado enquanto complemento da dieta alimentar, de renda e também para a geração de energia. Mesmo já tendo acesso à energia elétrica e ao gás de cozinha, os Geraizeiros preservam práticas socioculturais que constituem os seus modos

de vida. O extrativismo é um complemento de sua renda familiar. Por isso, quase todas as famílias possuem fornos a lenha.

Ressalta-se que eles utilizam mais a madeira seca, sobretudo de árvores “mortas” de menor valor comercial. Mas, há também a retirada de “madeira branca ou fraca” para cozinhar. Já o extrativismo de madeiras de lei para cercas é uma atividade mais rentável economicamente, segundo relatos de campo, 2015. Assim, o extrativismo de madeira compõe o seu modo de vida, mesmo sabendo que é ilegal o seu corte sem as devidas autorizações. Já o extrativismo de raízes, frutas, folhas, fibras de palmeiras “buriti e buritirama” são mais voltados para as atividades domésticas.

Os produtos do extrativismo, muitas das vezes transformam nos materiais para a construção das residências de palhas - presentes ainda em todas as comunidades geraizeiras - e também para a construção de utensílios os quais são utilizados cotidianamente.

Os Geraizeiros a partir das roças de rego e do extrativismo demonstram saberes profundos com a biodiversidade dos Cerrados. Assim, demonstram as suas cosmovisões e cosmovivências semelhantes outros povos das Américas, com bem destacam (Bórquez y Núñez, 2014).

Em síntese, o extrativismo é utilizado basicamente pelas famílias geraizeiras para alimentação, artesanato e medicina popular. Há aqueles que já comercializam as madeiras de lei e raízes medicinais quando há compradores. Contudo, para os Geraizeiros o seu modo de vida. Sendo assim, a r-existência transcende as práticas utilitaristas e incorporam os valores socioculturais em constante resignificação.

Artesanato: o artesanato é desenvolvido com a parceria entre o trabalho de gênero. Geralmente são os homens e os jovens do sexo masculino que saem para colher a matéria-prima nas áreas de Cerrado. Os mesmos realizam a preparação básica e, posteriormente, as mulheres e crianças realizam os trabalhos de tessituras, armação e acabamento final dos colares, bolsas, brincos e outros adereções de capim dourado como de fibra de “piaçaba”, buriti e buritirama

Ressalto que o artesanato nas comunidades do médio vale do rio Guará sempre existiu para o desenvolvimento de utensílios domésticos. É uma atividade conectada aos saberes tradicionais, transmitido de geração a geração. Cabe ressaltar que essa atividade vem sendo resinificada e potencializada, sobretudo pela inserção das mulheres geraizeiras a partir do incentivo da instituição não governamental ONG 10envolvimento, por meio do projeto intitulado: “Veredas Vivas: símbolo de resistência

ao agronegócio” financiado pelo programa de Pequenos Projetos Eco-sociais (PPP-ECOS), de 2008 a 2010.

Neste projeto, houve ações que buscou a valorização da cultura local dos Geraizeiros. O mesmo foi premiado pela rede Caritas¹⁰ e o prêmio foi convertido em utensílios eletrônicos (liquidificador industrial, frízer, mesas) para potencializar a criação da associação do primeiro Centro de Referência do Cerrado, sediado na comunidade de Ponte de Mateus.

Diante disso, afirmo que a luta pela permanência na terra (posse) dos Geraizeiros transcende a lógica da desterritorialização (HAESBAERT, 1995). É uma luta pelo “bem viver”. Uma r-existência de espacialidades do rural que não busca apenas a multifuncionalidade voltada para a produção agrícola. Mas, é uma luta silenciosa, de resistência amparada pelas suas cosmovisões e cosmovivências, bem como aponta Bórquez e Rodríguez (2014).

Para melhor entender buscaremos a partir deste relato empírico a discutir teoricamente o que se entende por r-existência e (re)habitação dos Geraizeiros diante do front agro energias na referida mesorregião.

Dessa forma, a r-existência e (re)habitação dos Geraizeiros são analisadas a partir da tradução das geografias pós-coloniais, conforme Porto-Gonçalves (2006), Azevedo (2008) e Almeida (2008). Uma geografia de/em transição que busca no terceiro-espço os feixes de abertura, de resignificação e de r- existência nos Cerrados baianos.

Porto-Gonçalves (2002) assevera que:

Aqui, mais do que resistência, que significa reagir a uma ação anterior e, assim sempre uma ação reflexa, temos r-existência, é dizer, uma forma de existir, uma determinação matriz de racionalidade que age nas circunstâncias, inclusive reage, a partir de um *topoi*, enfim, de um lugar próprio, tanto geográfico como epistêmico. Na verdade, age entre duas lógicas. (PORTO-GONÇALVES, 2002, p. 165)

O autor propõe uma nova leitura de resistência, considerando os saberes, às vivências de populações que estruturaram suas territorialidades entre lógicas impostas pelas territorialidades de “ordem moderno-colonial” e as territorialidades mais autóctones, as quais as essências de seus modos de vida constituem-se resignificações do existir.

A r-existência constitui as raízes e as territorialidades dos Geraizeiros diante das ebulições territoriais ocasionadas pela expansão da agricultura e, por sua vez, pelo front

¹⁰ <http://caritas.org.br/> Acesso: 11/04/2016.

agrícola. Eles conseguem resistirem, a criarem no seio de seus modo de vida e, sobretudo (re)habitarem as áreas dos Cerrados.

(Re)habitar ou simplesmente habitar é muito mais que localizar em um lugar, povoado ou distrito da sociedade moderno-colonial. “É também encontrar pessoas, levar a vida social.” (CLAVAL, 2010, p. 41). Desse modo, (re)habitação dos Geraizeiros compõem as ressignificações das formas, das funções e do simbolismo do integrar as paisagens do Cerrado. Mas, também, incorporam novos habitats, residências aglomeradas nos povoados, com atividades circunscritas as quintais produtivos nas áreas de preservação ambiental permanente

Pode-se afirmar que a (re)habitação dos Geraizeiros perpassa pela adaptação de suas dimensões territoriais. Antes da década de 1970, vales e gerais – Chapadões. Posteriormente, circunscritos aos vales e recentemente cercados pelas territorialidades ambientais das áreas de preservação permanentes das grandes fazendas. É também adaptabilidade de vivências em territórios próximos e de territórios distantes os quais estabelecem rede de relações familiares, comerciais e, inclusive apoio político e financeiro.

Todas essas manifestações territoriais de r-existência dos Geraizeiros estão interligadas com as suas cosmovisões de lugar-mundo e com as suas cosmovivências, com já foi apontado neste ensaio. Ambas interligadas com a religiosidade popular a qual os Geraizeiros têm na romaria da Terra e das Águas em Bom Jesus da Lapa o lócus de resistência nas últimas décadas.

Recentemente, com o aumento das ebulições territoriais, as perdas de terras e com a redução dos bens naturais, sobretudo, os Geraizeiros mais novos passaram a participar dos movimentos ambientais regionais e nas Semanas do Cerrado em 2014, 2015 e 2016. Com isso, nota-se há politização do debate em prol da defesa dos bens naturais e as possibilidades de constituição de outras r-existências dos Geraizeiros.

O ponto máximo dessa nova participação foi à participação de 06 pessoas das comunidades do referido médio vale do rio Guará, no Encontro dos Povos dos Cerrados e Comunidades do Cerrado, na cidade de Araguaína, TO. Com bem aponta, Svampa (2010) aqui há possibilidade de conquistar uma r-existência com novas formas de militância, de representação e de outra autonomia neste mundo de transição e de crise socioambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desta abordagem sobre a r-existência e (re)habitação das comunidades geraizeiras do médio vale do rio Guará merece frisar, dentre outras análises, a evidência de existências espaciais pautada na redefinição de suas territorialidades com o advento da modernização da agricultura.

Os Geraizeiros que continuam existindo e habitando nas franjas dos Cerrados baianos passaram por uma forte redefinição da dimensão do território vivido para a sua subsistência. Com isso, a pecuária reduziu significativamente entre as famílias e em quantidade do rebanho. E, as áreas agricultáveis ficaram restritas apenas aos vales úmidos e veredas nas proximidades dos povoados com maior número de habitantes.

Ressalta-se que nas últimas cinco décadas a modernização da agricultura não conseguiu desterritorializar totalmente as famílias geraizeiras, mais os colocaram cercadas fisicamente e subjetivamente em relação o desenvolvimento front do agronegócio ou do agro-energias-negócios. Já as leis estaduais e federais – novo código floresta -, o decreto do MATOPIBA os ignora enquanto população existente nas franjas dos Cerrados.

Constata que os empresários rurais e proprietários das grandes fazendas, amparados pela nova legislação e tentando cumpri-la muitos passaram a adquirir terras nos fundos de vales e na transição Cerrado/caatinga, devido os menores valores financeiros, para alocação de suas APPs. Tudo isso, revigorou a grilagem de terras, aqui denominada popularmente nesta mesorregião como “grilagem verde” pelos Geraizeiros.

Diante do exposto, os Geraizeiros mesmo com os seus territórios de vida reduzidos, “cercados” e, principalmente aviltados. Diante disso, combinam os seus usos da biodiversidade dos Cerrados com aposentadorias, bolsas famílias, renda de trabalho diarista e assalariado nas fazendas do agronegócio para sobreviver nos aglomerados, povoados e vilas rurais. Assim, reinventam o seu modo de vida a partir dos seus saberes e práticas socioambientais diante das territorialidades presentes no referido vale. E, quando são questionados se querem mudar de seus habitats, respondem: “daqui eu não saio, eu gosto muito daqui. É um lugar muito bonito”, relato de campo, outubro de 2015. Por último, é importante frisar que a r-existência e a (re)habitação possui um conteúdo sociocultural e político amparado “na cosmovisão e na cosmovivência” (BÓRQUEZ E RODRÍGUEZ, 2014) que dependendo das ações coletivas dos grupos

sociais possam garantir o “bem viver” nos Cerrados baianos, mesmo com todas pressões do *front* agrícola, neste início do século XXI.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. G. Uma leitura Etnogeográfica do Brasil Sertanejo. In: SERPA, A. (Org.) **Espaços Culturais: vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 294- 313
- ALVES, V. E. L. Modernização Agropecuária, Ruptura e Permanência do Modo de Vida Camponês nos Cerrado do Sul do Piauí. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 77, São Paulo, Abril/ 2001. p. 7 - 28.
- AZEVEDO, A F., Geografias Pós-Coloniais: contestação e renegociação dos mundos culturais num presente pós-colonial, In J.R. Pimenta, A. F. Azevedo; e J. Sarmiento (org.) **Geografias Pós-Coloniais**; Porto: Figueirinhas, Porto Portugal, 2008.
- BARBOSA, A. S. Ocupação Indígena no Sistema Biogeográfico do Cerrado. In: GOMES, H. Universo do Cerrado I. Goiânia, Ed. da UCG, 2008. p. 79-165.
- BAHIA. SEPLAN. Secretaria do Planejamento do Estado da Bahia. In: <http://www.seplan.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=17>. Acesso: 11/04/2016.
- BRASIL. Cidades. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE. 2016. In: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=292890&search=bahia|sao-desiderio>. Acesso: 05/03/2016.
- BRASIL, MMA. Ministério do Meio Ambiente. Monitoramento do Desmatamento no Bioma Cerrado, 2002/2008. Disponível em http://www.mma.gov.br/estruturas/sbf_chm_rbbio/_arquivos/monitoramento_desmate_bioma_cerrado_2002_2008_csr_ibama_rev_72.pdf. Acesso: 30 de jan. de 2015.
- BÓRQUEZ, L. C.; RODRÍGUEZ, V. N.. El “Buen Vivir” en México: ¿fundamento para una perspectiva revolucionaria? In: RAMOS, G. C. D. (Coord.) Buena vida, buen vivir: imaginario alternativos para el bien comum de la humanidad. México: UNAM, Centro de Investigaciones Interdisciplinarias em Ciencias y Humanidades, 2014. (Colección debate y reflexión). p. 185 a 204.
- CARDOSO, Evanildo, S. **Viver entre margens: a persistência na paisagem e no lugar dos beiradeiros do rio de Ondas, Barreiras, Bahia**. Goiânia. IESA/UFG. (Tese de Doutorado). 2012.
- CLAVAL, P. **Terras dos Homens: a geografia**. Tradução Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010.
- DIEGUES, A. C.S.A. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo. Ed. Hucitec. 1996
- FREDERICO, S. **O novo tempo do Cerrado: Expansão dos fronts agrícolas e controle do sistema de armazenamento de grãos**. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2010.
- GOMES, H. A Transposição do rio São Francisco: questões para o debate. Revista do Instituto Trópico Subúmido, v.2 Ed. UCG, Goiânia, 2012.
- PORTO GONÇALVES, C. W. O Latifúndio Genético e a R-existência Indígena-Campesina. *GEOgraphia*, Vol. 4, N. 8 (2002) p. 1-15.
- PORTO-GONÇALVES, W. A Globalização da Natureza e a Natureza da Globalização. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006
- HAESBAERT, Rogério. **“Gaúchos no Nordeste: modernidade, Des-territorialização e Identidade”**. São Paulo. USP.FFLCH (Tese de Doutorado). 1995.
- MAZZETO SILVA, Carlos E. **O Cerrado em disputa: apropriação global e resistências locais**. Brasília: Confea, 2009.

MENDONÇA, M. A urdidura do capital e do trabalho no Cerrado do Sudeste Goiano (Tese de Doutorado em Geografia), Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente/SP, Brasil. 2004..

RIBEIRO, F. R. Historia Ecológica do Sertão Mineiro e a Formação do Patrimônio Cultural Sertanejo. In: LUZ, C.; DAYRELL, C. Cerrado e Desenvolvimento: Tradição e Atualidade. Montes Claros, MG, 2000.

SANTOS, C. C.; VALE, R. **Oeste da Bahia: trilhando velhos e novos caminhos do Além São Francisco**. Editora da Universidade Estadual de Feira de Santana: Feira de Santana, BA, 2012

SANTOS, C.C. M. dos. Oeste da Bahia: Modernização com (des)articulação econômica e social de uma região. PPGCS/UFBA. Salvador Bahia, (Tese de Doutorado). 2007

SANTOS FILHO, M. O Processo de Urbanização no Oeste Baiano. Recife: SUDENE, 1989

SOBRINHO, J. S. de. Territorialização e desterritorialização dos camponeses Geraizeiros do vale do rio Arrojado, Oeste da Bahia. In: ALVES, V. E. (Org.) Modernização e regionalização nos cerrados do Centro Norte do Brasil: Oeste da Bahia, Sul do Maranhão e do Piauí e Leste do Tocantins. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015. p. 269-323.

SVAMPA, M. Movimientos Sociales, matrices sócio-políticas y nuevos escenarios em América Latina. Working Papers 01/2010. In: [https://kobra.bibliothek.uni-kassel.de/bitstream/urn:nbn:de:hebis:342010110334865/1/OWP Working Paper 2010 01.pdf](https://kobra.bibliothek.uni-kassel.de/bitstream/urn:nbn:de:hebis:342010110334865/1/OWP_Working_Paper_2010_01.pdf). Acesso: 11/04/2016.

THÉRY, H; MELLO, N.A.de; HATO, J. GIRARDI, E. P. Atlas do Trabalho Escravo no Brasil. São Paulo: Amigos da Terra, 2009. In: <http://amazonia.org.br/wp-content/uploads/2012/05/Atlas-do-Trabalho-Escravo.pdf>. Acesso: 15/06/2017